



ILAN BRENMAN

O Senhor do Bom Nome

e outros contos judaicos

Leitor fluente — 6º e 7º anos do Ensino Fundamental

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega

Elaboração: Tom Nóbrega



Árvores e tempo de leitura

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?*¹

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traíçoieira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpecenos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam *coisas futuras*.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

*Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. (...) E Deus deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer”.*²

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano... Há o tempo das escrituras e o tempo da

memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das relações interpessoais e, progressivamente, como

resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

¹ In *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

² *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Procuramos contextualizar o autor e sua obra no panorama da literatura brasileira para jovens e adultos.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa avaliar a pertinência da adoção, levando em conta as possibilidades e necessidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Apontamos alguns aspectos da obra, considerando as características do gênero a que pertence, analisando a temática, a perspec-

tiva com que é abordada, sua organização estrutural e certos recursos expressivos empregados pelo autor.

Com esses elementos, o professor irá identificar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento que poderão ser abordados, os temas que poderão ser discutidos e os recursos linguísticos que poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora dos alunos.

QUADRO-SÍNTESE

O quadro-síntese permite uma visualização rápida de alguns dados a respeito da obra e de seu tratamento didático: a indicação do gênero, das palavras-chave, das áreas e temas transversais envolvidos nas atividades propostas; sugestão de leitor presumido para a obra em questão.

Gênero: Palavras-chave: Áreas envolvidas: Temas transversais: Público-alvo:

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Os sentidos que atribuímos ao que se lê dependem, e muito, de nossas experiências anteriores em relação à temática explorada pelo texto, bem como de nossa familiaridade com a prática leitora. As atividades sugeridas neste item favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão e interpretação do escrito.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.
- Antecipação de conteúdos tratados no texto a partir da observação de indicadores como título da obra ou dos capítulos, capa, ilustração, informações presentes na quarta capa etc.
- Explicitação dos conteúdos da obra a partir dos indicadores observados.

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos sentidos do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.
- Apreciação de recursos expressivos empregados pelo autor.

c) depois da leitura

São propostas atividades para permitir melhor compreensão e interpretação da obra, indicando, quando for o caso, a pesquisa de assuntos relacionados aos conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como a reflexão a respeito de temas que permitam a inserção do aluno no debate de questões contemporâneas.

◆ nas tramas do texto

- Compreensão global do texto a partir de reprodução oral ou escrita do que foi lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos empregados na obra.
- Identificação e avaliação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Discussão de diferentes pontos de vista e opiniões diante de questões polêmicas.
- Produção de outros textos verbais ou ainda de trabalhos que contemplem as diferentes linguagens artísticas: teatro, música, artes plásticas etc.

◆ nas telas do cinema

- Indicação de filmes, disponíveis em DVD, que tenham alguma articulação com a obra analisada, tanto em relação à temática como à estrutura composicional.

◆ nas ondas do som

- Indicação de obras musicais que tenham alguma relação com a temática ou estrutura da obra analisada.

◆ nos enredos do real

- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar.

DICAS DE LEITURA

Sugestões de outros livros relacionados de alguma maneira ao que está sendo lido, estimulando o desejo de enredar-se nas veredas literárias e ler mais:

- ▶ do mesmo autor;
- ▶ sobre o mesmo assunto e gênero;
- ▶ leitura de desafio.

Indicação de título que se imagina além do grau de autonomia do leitor virtual da obra analisada, com a finalidade de ampliar o horizonte de expectativas do aluno-leitor, encaminhando-o para a literatura adulta.

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Ilan Brenman tem um amor profundo pelas mais diversas narrativas. Esse afeto está ligado diretamente à origem do autor, pois ele é israelense, naturalizado brasileiro, filho de argentinos, neto de poloneses e russos. Psicólogo de formação, Ilan é mestre e doutor pela Faculdade de Educação da USP e já ministrou centenas de cursos e palestras pelo país afora, sempre discutindo a importância das histórias lidas e contadas oralmente na vida de bebês, crianças, jovens e adultos. Possui mais de 50 livros publicados no Brasil (além de vários no exterior), entre eles *Até as princesas soltam pum* (Brinque-Book, 2008), seu *best-seller*. Muitas das suas obras ganharam o selo de Altamente Recomendável da FNLIJ, além de participarem do catálogo da Feira de Bolonha, Itália. Em 2019, tornou-se autor exclusivo da Editora Moderna. Para saber mais sobre o autor, acesse: <[www.bibliotecailanbrenman](http://www.bibliotecailanbrenman.com.br)>.

RESENHA

Sete sábios judeus estão reunidos ao redor de uma lareira. O frio é tanto que o calor do fogo não parece ser suficiente para aquecê-los. Decidem, então, contar histórias para acalentarem-se uns aos outros. São sete contos, um narrado por cada mestre, um para cada dia da semana. A primeira história nos transporta para os tempos da criação do mundo, contando como as perguntas petulantes da Lua acabam fazendo com que o criador decida torná-la menor do que o Sol e menos luminosa. O segundo sábio fala da criação do homem, contando como Deus recolheu barro das mais diversas regiões do planeta, para que a Terra inteira pudesse ser percorrida e povoada pelos humanos. Na terceira história, eis que surge Lilit, a decidida primeira mulher de Adão, que não permite que o companheiro tome decisões por ela. No relato seguinte, a filha de um sábio judeu precisa convencer um imperador romano de que Deus agiu de

forma justa ao roubar uma costela de Adão para dar corpo a Eva. Enquanto o quinto conto revela como a vinha plantada por Noé gerou um suco imprevisível depois de ser arada pelo Diabo, o sexto explica por que o rei Nimrod, depois de consultar as estrelas, manda matar todos os recém-nascidos. Cabe ao sétimo sábio arrematar o ciclo de histórias falando de um outro sábio, o Senhor do Bom Nome, que permitiu que Deus continuasse a se fazer presente mesmo depois que seus ensinamentos foram esquecidos.

Em *O Senhor do Bom Nome*, Ilan Brenman divide com os jovens leitores sete narrativas do povo judeu que se debruçam sobre os personagens e acontecimentos da Torá, nome que se dá aos cinco livros do Velho Testamento. De acordo com Luana Chnaiderman, que escreve o posfácio do livro, os religiosos judeus costumam dizer que as narrativas de sua tradição oral se originaram das histórias contadas pelo rei Salomão: “As palavras da Bíblia (...) seriam como uma floresta fechada. Os provérbios e parábolas do rei foram como machados abrindo caminhos nessa floresta”. O título do livro é uma tradução do hebraico para o português de Baal Shem Tov, modo pelo qual ficou conhecido o lendário sábio Israel ben Eliezer, fundador do hassidismo, corrente do pensamento hebreu que atribui imenso poder de transformação e cura ao ato de contar e ouvir histórias.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: Contos tradicionais

Palavras-chave: Judaísmo, hassidismo, criação, contação de histórias, sabedoria

Componentes curriculares envolvidos: Língua Portuguesa, Geografia, História

Competências Gerais da BNCC: 1. Conhecimento, 3. Repertório cultural

Tema contemporâneo tratado de forma transversal: Diversidade cultural

Público-alvo: Leitor fluente (6º e 7º anos do Ensino Fundamental)

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. Revele aos alunos o título e o subtítulo do livro. O que eles sabem, ou ouviram falar, a respeito da religião judaica?
2. Será que algum dos alunos da turma é judeu? Se sim, pergunte a ele se gostaria de convidar alguém de sua família ou um conhecido para falar das tradições judaicas com a turma. Para introduzir o tema, vale a pena assistir com eles a um vídeo sobre o assunto. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=A2maFJclzEc>> (acesso em: 20 jan. 2022).
3. Mostre aos alunos a capa do livro. Comente com eles que a imagem da capa alude a um dos principais símbolos do judaísmo, a Menorá, candelabro de sete braços, que simboliza o arbusto em chamas que Moisés teria visto no Monte Sinai. Leia com a turma o verbete da Wikipedia sobre esse objeto sagrado, disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Menor%C3%A1>>. Além da Menorá, o ilustrador representa na capa duas das letras do alfabeto hebraico, Chet e Shin. Mostre um quadro com as letras desse alfabeto para a turma, e estimule-os a reconhecer aquelas que aparecem na imagem e a descobrir sua sonoridade. Disponível em: <<https://www.hebraico.pro.br/r/quadratico.asp>> (acessos em: 20 jan. 2022).
4. Leia com os alunos o texto da quarta capa, que chama a atenção para a importância do número sete e sua dimensão simbólica: “Sete também foram os dias da criação; sete são os dias de luto; sete são as cores da natureza; sete são as notas musicais; sete são as bênçãos da noiva; sete eram os planetas que os antigos conheciam”. Talvez os alunos conheçam as sete notas musicais, e os sete planetas visíveis a olho nu, mas vale a pena explicar em que consiste o *Sheva Brachot*, as sete bênçãos dos noivos no casamento judaico, e o *Shivá*, os setes dias de

luto praticados pelos judeus quando alguém da família morre. Para saber sobre o *Sheva Brachot*, leia essa matéria do *Jornal da Orla*, disponível em: <<https://jornaldaorla.com.br/noticias/43714-amor-e-casamento-no-ritual-judaico/>>. Para saber sobre o *Shivá*, é possível ter uma ideia inicial a partir do verbete da Wikipedia, disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Shiv%C3%A1>> (acessos em: 20 jan. 2022).

5. Mostre aos alunos o sumário do livro. Quais títulos despertam mais curiosidade?

6. Leia com a turma a biografia do autor, na página 63, para que saibam um pouco mais sobre a trajetória de Ilan Brenman. Comente com eles que, como o autor é israelense naturalizado brasileiro, é possível perceber que ele se debruça sobre as próprias raízes ao recontar narrativas judaicas. Estimule-os a visitar seu site: www.bibliotecailanbrenman.com.br.

Durante a leitura

1. Ressalte para os alunos a introdução do livro, “Há muito tempo, muito tempo...”, que serve de narrativa moldura: trata-se de uma história introdutória que cria uma situação que permite que os demais contos do livro apareçam como “histórias dentro de outra história”. Aqui, ficamos sabendo que os sete sábios judeus sentados diante do fogo contarão cada qual uma história, enquanto se abrigam do frio.
2. Os demais contos do livro aparecem numerados de 1 a 7: chame a atenção para as informações que aparecem entre colchetes abaixo do título de cada um dos contos, que nos lembram que cada história foi contada por um dos sete sábios, e que cada uma delas corresponde a um dia da semana.
3. Provavelmente, os alunos notarão que as belas ilustrações de Sérgio Sister são, em sua maioria, abstratas. Explique que existe uma razão para isso: as narrativas do livro se

referem, quase todas, a situações que remetem à criação do mundo e a temas sagrados. Grande parte das correntes do judaísmo proíbe que temas sagrados sejam retratados em imagens. Sobretudo, não se deve representar figuras humanas.

4. Chame a atenção para o modo como o ilustrador representa a Lua e o Sol no decorrer do primeiro conto: veja se os alunos notam como os dois astros têm o mesmo tamanho na ilustração das páginas 12 e 13, mas que o círculo que representa a Lua aparece muito menor do que o círculo amarelo do Sol nas páginas 14 e 15.

5. Vez ou outra aparecem, em meio às ilustrações, letras do alfabeto hebraico: estimule os alunos a reconhecê-las.

6. Provavelmente, os alunos reconhecerão alguns dos personagens míticos do livro, já que eles também fazem parte da tradição cristã, como Eva, Adão e Noé. Outros personagens, como Lilit, pertencem, sobretudo, à tradição judaica. Explique para eles que a Torá, livro sagrado dos judeus, corresponde aos cinco livros do Velho Testamento, mas que o judaísmo possui uma relação diferente com esses textos.

Depois da leitura

1. O texto informativo “O hassidismo e as histórias”, da página 53 a 55, revela que o título do livro, *O Senhor do Bom Nome*, é uma tradução para o português de *Baal Shem Tov*, título pelo qual era conhecido Israel Ben Eliezer, notável sábio judeu do século XVIII, cujos ensinamentos orais deram origem à tradição hassídica do judaísmo, que concede um papel crucial e profundamente transformador à contação de histórias. Para que os alunos saibam mais sobre a fascinante vida desse mestre, assista com eles ao vídeo de Yair Alom, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Cq8w1iQgszo>> (acesso em: 20 jan. 2022).

2. Luana Chnaiderman comenta que, para os religiosos, narrativas como as do livro vêm diretamente do rei Salomão, personagem que surge na Torá judaica, mas que é importante também nas tradições cristã e muçulmana. Para entender um pouco mais a complexa história das religiões abraâmicas (judaísmo, cristianismo e islamismo), assista com a turma ao vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qNBgSsgl-Y4>> (acesso em: 20 jan. 2022). Sugerimos também a leitura em classe de algumas passagens de *O livro das religiões*, de Jostein Gaarder, Victor Hellern e Henry Notaker, publicado pela Companhia das Letras.

3. O conto “O orgulho da Lua” narra como, por sua petulância, a Lua se tornou menor e menos luminosa do que o Sol. De fato, os cientistas comprovaram há tempos que a Lua é muitíssimo menor que o Sol. Por que será que, vistos da Terra, a olho nu, os dois corpos celestes aparentam ter o mesmo tamanho? Para que os alunos entendam melhor como a astronomia explica esse fenômeno, leia com eles a reportagem do portal Sul Informação. Disponível em: <<https://www.sulinformacao.pt/2016/04/porque-razao-e-que-o-sol-e-a-lua-nos-parecem-do-mesmo-tamanho-no-ceu/>> (acesso em: 20 jan. 2022).

4. O conto “Lilit, a primeira mulher”, fala sobre uma personagem controversa da tradição judaica: Lilit, ou Lilith, criada do mesmo barro que Adão, teria se separado dele por não aceitar submeter-se a seus desejos. Leia com os alunos a reportagem da revista *Superinteressante*, que conta por que muitos estudiosos acreditam que essa personagem pode ter sido apagada da Bíblia. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/teoria-da-conspiracao-lilith-a-primeira-mulher-de-adao/>>. Em seguida, escute a canção *Lilith*, em que a jovem cantora Bea Duarte faz uma ode a essa figura mítica transgressora. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LGewebVnhhE&t=85s>> (acessos em: 20 jan. 2022).

5. A perseguição aos judeus encontrou seu ápice durante o holocausto promovido pelos nazistas, episódio que está entre os mais traumáticos e cruéis da história da humanidade. Para pensar a respeito desse momento guiados por um olhar infantil, assista com os alunos ao filme *Os meninos que enganavam nazistas*, de 2017, baseado em um livro autobiográfico de Joseph Joffo. Neste livro, o autor conta como ele e seu irmão, ambos judeus, aos 10 e 12 anos de idade, perambularam por estradas para tentar escapar da morte durante a ocupação nazista na França.

DICAS DE LEITURA

► Do mesmo autor e série

Aprendendo com o aprendiz e outras histórias de mestres e alunos. São Paulo: Moderna.

A amizade eterna e outras vozes da África. São Paulo: Moderna.

Silêncio: doze histórias universais sobre a morte. São Paulo: Moderna.

Viagem ao redor do mundo em 37 histórias. São Paulo: Moderna.

► Do mesmo gênero ou assunto

Dez bons conselhos do meu pai, de João Ubaldo Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letrinhas.

Jóty, o tamanduá, de Vãngri Kaingáng. São Paulo: Global.

Contos budistas, de Sherab Chodzin. São Paulo: Martins Fontes.

Antologia de contos indígenas de ensinamento, de Daniel Munduruku. São Paulo: Moderna.